



STREAMING

Novas formas de transmissão trazem novidades para fãs de esportes. *Pág. 7*

A FACE OCULTA DA SEGURANÇA

Dados sobre violência policial em BH expõem casos pouco noticiados e viés racial. *Pág. 9*

Ano 50 . Ed. 360 . Dezembro de 2023 . Jornal-laboratório do Curso de Jornalismo . Faculdade de Comunicação e Artes . PUC Minas

em sala de aula

Da gente, das ruas, dos estádios e dos desafios de Minas, do Brasil e do mundo: um ano em perspectiva



Calor Hiperbólico

Ah! Eu sinto que estou derretendo! Sou feito de 80% água que logo irá evaporar e o resto de meu corpo se tornará líquido que, em seguida, fará parte da atmosfera. Óbvio, falo com hipérbole isso tudo, mas estou completamente intrigado sobre quão absurdo está esse calor. Não falar sobre aquecimento global e estão certos, mas o que quero dizer é o seguinte...

Todos falamos hipérbolos, seja para deixar um assunto mais cômico ou mais trágico e, sinceramente, me encontro em ambos os planos de uso. Eu digo cômico em um sentido de desesperador, pois o futuro é algo que nós não sabemos e eu tenho medo do que está por vir. As altas temperaturas que experienciamos normalmente se devem a acontecimentos geográficos que, de vez em quando, fazem a sua cidade parecer o deserto do Saara em um dia mais quente que o normal, mas, no calendário, costuma ser um dia ou outro dentro de um verão escaldante. Agora me pergunto se o universo está fazendo uma piada de mal gosto com a minha cara. Recebi a notícia de altas de até 42°C na próxima semana. Eu, particularmente, não acreditei. Achei que era um exagero, principalmente porque acabamos de sair do inverno e, bem... estou começando a achar que não é uma piada, mas essa situação é o suficiente para passar uma mensagem: tempos estão mudando; talvez para o pior. Quando mencionei sobre um dia ou outro isso acontecer, nós levamos como uma surpresa, porém, para uma semana inteira, mesmo que sejam só previsões, e não a absoluta realidade, é algo alarmante.

Digo alarmante pois como moro em solo brasileiro, tenho uma certa resiliência ao calor até certo ponto, sobretudo em comparação aos meus colegas que moram no exte-

rior. Conheço pessoas pelo mundo afora, da Europa, Estados Unidos e, principalmente, da Ásia. Graças à globalização e à internet, conversamos com uma certa frequência, e sempre que entro nas chamadas de voz, escuto as seguintes frases em algum ponto dos diálogos: "Quantos graus está fazendo aí nos Estados Unidos?" ou "Quantos graus está aí nas Filipinas?". Não só por causa da diferença de fuso horário, mas também porque cada país tem seu clima, seja seco, úmido, quente, frio ou o que for, é de se esperar que haja variações gritantes. Dentro das prosas noturnas no fuso horário brasileiro, nunca vou me esquecer de um conhecido meu que morava em Los Angeles. Um sujeito engraçado que admiro pelo quão sarcástico ele é em sua vida. Falava todo santo dia, sem falta, me parecia uma rotina que nunca tinha fim, sobre a temperatura no estado da Califórnia. Sempre era por volta de 44°C, 42°C. Um menino sacana demais, me fazia rir todos os dias com a indignação diária dele sobre o calor. Para ser sincero, não sei se eu ria por causa do sarcasmo da pessoa ou de puro espanto pela situação que o próprio se encontrava. Aquilo que antes me fazia dar risada, agora é minha realidade e as hipérbolos as quais uma vez duvidei, agora se aproximam do meu cotidiano.

Não sei se fico triste ou preocupado. Triste eu digo pois não consigo fazer nada a respeito. Preocupado pois sei que anos por vir serão do jeito que está ou piores. O máximo que me lembro em minha vivência foi 34°C e senti que dava para fritar um ovo com o puro calor que estava fazendo naquele dia. Agora que pensei sobre a situação, me lembrei das chuvas que virão depois desse tempo de calor e, sinceramente, talvez seja melhor eu falar sobre esse assunto outro dia... Agora irei adormecer debaixo do ventilador na máxima potência.

Relíquias mágicas

Ana Maria Pardiniho . 4ºp

Eram 19h30 de uma chuvosa sexta-feira 13. Restava apenas eu na sala 13, no décimo terceiro andar, aguardando ansiosamente a volta da internet para poder enviar ao meu supervisor ranzinza o relatório contábil da semana. Se eu não fosse capaz, ele disse, tiraria a máquina de expresso do escritório. Ou seja, meus colegas e eu dependíamos da volátil tecnologia de fibra ótica para que o fornecimento do elixir da vigília continuasse.

Sem previsão de quando seria esse momento, resolvi me aproveitar da data cabalística e conquistar minha liberdade através de um ritual antigo. A chuva não enfraquece a magia tal como faz com os frágeis apetrechos da modernidade. Munido da chave da sala 1313, atravessei o corredor na penumbra.

Destranquei a porta com os dedos dormentes e entrei na sala gelada repleta de misteriosas silhuetas cobertas por lençóis brancos, cujas forças estão além da compreensão. Entre elas, estava aquela que tinha o poder de a liberdade me restituir, pelo menos até o próximo expediente.

O anseio por minha cama moveu meu corpo temeroso em sua direção. Uma por uma, a besta antiga devorou e cuspiu as malditas páginas que me prendiam ali.

Ao que a última folha caiu aos meus pés, senti o celular vibrando no bolso. O nome do supervisor na tela.

—Que ideia foi essa de enviar o relatório por fax? Deixe o original na minha mesa e vá para casa!

Ritual de invocação jamais foi meu intento, mas considerei bem-sucedida a heroica empreitada.

Editorial

Chegamos à última edição deste ano de 2023. Em seis edições impressas, foram produzidas 108 reportagens ao longo dos dois semestres. Por mais um ano, o Jornal Marco cumpriu seu papel de levar adiante informação com qualidade e credibilidade.

A edição 360, desenvolvida em sala de aula, conta com a colaboração de estudantes do Coração Eucarístico e de Poços de Caldas. Neste mês, o cenário editorial contempla uma variedade de editorias, que abordam desde assuntos políticos e econômicos até revelações esportivas em território mineiro.

Folheando o jornal encontramos a pauta geopolítica em destaque novamente, agora centrada no atual conflito entre Israel e Hamas que assola a região de Gaza, impacta diretamente as relações exteriores e deixa perdas irreparáveis. Por outro lado, também há registros da retração demográfica em Belo Horizonte, e da preservação de patrimônios histórico-culturais em Poços de Caldas, bem como a tradição das bancas de jornal na cidade sul-mineira.

A editoria de esporte traz à tona a experiência dos torcedores que frequentam os estádios de futebol em Minas Gerais, e o impacto do alto custo dos ingressos, transporte e alimentação. Além disso, a evolução do streaming esportivo reinventa padrões de transmissão de coberturas de grandes jogos. Ainda, atletas sul-mineiros como Tatiele Carvalho e Luiz Felipe Domingos destacam suas experiências e expectativas para os Jogos Olímpicos de 2028. E a Seleção Brasileira Feminina Cricket Brasil incentiva o acesso ao esporte e a inclusão da modalidade nas Olimpíadas.

A editoria mídia também merece a devida atenção. As vítimas invisíveis da capital mineira evidenciam a face oculta da violência policial que cerca a cidade. Na esfera econômica, o Mercado Central de BH se sobressai ao aliar tradição e modernidade, além de abrigar histórias de empreendedorismo que já se encontram na quarta geração familiar. No Sul de Minas, a indústria de cervejas artesanais fomenta a economia local.

Por fim, o cinema nostalgia manifesta-se como tendência no mundo cinematográfico. O aumento de remakes e adaptações nos últimos anos surge para nos levar de volta ao passado. Agradecemos aos coordenadores e colaboradores desta edição, e a todos os que estiveram presentes ao longo deste ano. O Jornal Marco encerra mais um capítulo da sua história de 51 anos, completados em 5 de dezembro, e seguirá a postos comprometido em trazer informações e reflexões fiéis ao que a realidade nos apresenta.



EXPEDIENTE

Jornal-laboratório da Faculdade de Comunicação e Artes da PUC Minas

Edição nº 360

Rua Dom José Gaspar, 500
Coração Eucarístico
CEP 30535-610
Belo Horizonte . MG
Tel: (31) 3319 4920
Instagram: @jornalmarco
E-mail: jornalmarcodrive@gmail.com



Collegiado do Curso de Jornalismo São Gabriel:
Prof. Getúlio Neuremberg e Adriana Ferreira

Coordenador de Jornalismo Praça da Liberdade:
Prof. Pedro Vaz Perez

Coordenadora de Jornalismo Poços de Caldas:
Profa. Cintia Murta

Editor Geral:
Prof. Getúlio Neuremberg

Editora Gráfica e Projeto Gráfico:
Prof.ª Dulce Maria Albarez

Editor Campus São Gabriel:
Prof. Vinicius Borges

Monitoras Coração Eucarístico:
Ana Luiza Soares
Gabriela Paiva Corrêa
Laura Scardua
Tainá Lopes

Monitores São Gabriel:
Davidson Henrique
Felipe de Paula
Gabrielly Ribeiro
João Augusto Silva
Marcela Calixto
Mariana Brandão

A questão Israel-Palestina

O contexto histórico por trás do ataque recente e seus desdobramentos

Laura Scardua . 4ºp
Letícia Lanes . 4ºp

Em 7 de outubro deste ano, um ataque do grupo extremista Hamas a Israel voltou a atenção do mundo para o Oriente Médio, e reacendeu o debate acerca da questão Israel-Palestina, que acontece há 75 anos.

Quase dois meses depois, alguns fatores explicam a grande repercussão do acontecido: a brutalidade do ataque sofrido por Israel, sem precedentes na história e que resultou em 1.200 vítimas e 242 reféns israelenses, segundo portavoza do Estado; a reação extrema de Israel contra pessoas e áreas civis palestinas como resposta ao ataque - em 31 de outubro a ONU emitiu um relatório que contabilizava a morte de 3.400 crianças palestinas; e, a participação internacional no conflito.

O curso de Relações Internacionais (RI) da PUC Minas promoveu em 19 de outubro um evento com especialistas para discutir o histórico, desdobramentos do conflito e os acontecimentos recentes. Rashmi Singh, professora no curso de RI e co-diretora da rede de pesquisa sobre Terrorismo, Radicalização e Crime Transnacional (TRAC) foi a palestrante principal, acompanhada de Danny Zahreddine, também professor no curso de RI e diretor do Instituto de Ciências Sociais (ICS).

Rashmi Singh atesta que conhecer as raízes da questão Israel-Palestina é indispensável para compreender a motivação do ataque do Hamas e a origem desse grupo. A professora enfatiza, no entanto, que esse entendimento não é uma forma de apresentar desculpas para o ocorrido, que adjetiva como terrorista.

Pré-surgimento do conflito

O território palco do conflito Israel-Palestina, localizado no Oriente Médio, fez parte do Império Otomano de 1517 até o desmantelamento da potência otomana. Dez Mitos sobre Israel, escrito por Ilan Pappé, historiador israelense, apresenta registros, como a pesquisa dos estudiosos Grossman, Cohen e Ben-Arieh, acerca da realidade da

terra antes do conflito: "longe de ser um deserto, era uma próspera sociedade árabe - de maioria muçulmana, predominantemente rural, mas com centros urbanos fervilhantes".

Com a queda do Império Otomano, parte da região é colonizada pelos britânicos, e fica conhecida como Mandato Britânico da Palestina, explica Rashmi Singh. A declaração de Balfour, de 1917, carta do secretário de assuntos exteriores da Grã-Bretanha aos líderes da comunidade anglo-judaica prometendo apoio a criação de um lar judeu na Palestina, é um marco histórico deste período.

Durante a colonização, os britânicos, em uma ação de interesse próprio do mundo cristão, não exatamente por simpatia, de que a nação judaica deveria retornar à Terra Santa, começam a incentivar a migração de judeus europeus para a área, segundo o historiador e professor israelense Shlomo Sand. Esse argumento é corroborado por um acontecimento explicado por Singh e Zahreddine: no auge da Segunda Guerra Mundial, com a pressão dos países árabes devido à ocupação, os ingleses começam a delimitar e controlar a entrada de judeus, por meio de documentos conhecidos como Papéis Brancos, enquanto acontecia o Holocausto na Alemanha.

Sionismo

O Sionismo é uma religião-política, a combinação da fé e do pensamento religioso com objetivos políticos, segundo Rashmi, que surge a partir da busca por segurança em uma sociedade que se recusava a integrar judeus.

No século XIX, Theodor Herzl, jornalista austro-húngaro, foi pioneiro desse movimento nacionalista tardio de judeus europeus. Inspirados na margem colonialista europeia, ocuparam a região da Palestina já habitada, com a crença etnocêntrica de que a nação árabe, agrária e comerciante, era uma terra não civilizada.

Resolução 181 da ONU e o Estado de Israel

Com o fim do Mandato Britânico, em uma tentativa de solução para a região, em



1947 a ONU propôs a divisão do território entre sionistas, com 55% da área, e palestinos, com 45%. Singh conta que os palestinos rejeitaram a proposta e demandaram o controle de todo o território do então Mandato da Palestina, uma vez que "para eles, a presença sionista na região nada mais era que uma presença colonial imposta pela potência britânica" [tradução livre].

Em 1948, o Estado de Israel é declarado e reconhecido pela União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) e pelos Estados Unidos. Rashmi Singh explica que o período, que para Israel foi de comemorações, especialmente após o fim do Holocausto, para os palestinos foi a Nakba — catástrofe — em tradução literal. A população palestina foi expulsa de inúmeras de suas terras, que foram tomadas e incorporadas pelo Estado Israelense além do proposto pela ONU.

Illan Pappé caracteriza a Nakba como limpeza étnica do povo palestino, como pensam também especialistas no tema, como o professor no curso de RI, Onofre dos Santos Filho, sobre o ataque do Hamas, pelo corte no fornecimento de energia, água e alimentos a Gaza e bombardeio em áreas civis, como hospitais. Em contraposição, Israel alega que o Hamas esteja usando hospitais como base.

Representação midiática

O geógrafo e pesquisador de discursos midiáticos, Francisco Fernandes Ladeira, afirma que há jogos de palavras e armadilhas semânticas que mexem com as emoções: "Quando você vai falar das perdas em Gaza, são perdas materiais, ataques às instalações militares. Em Israel, são enfatizadas as perdas humanas e os dramas familiares".

Os veículos de comunicação mais tradicionais, alinhados com interesses de agências das potências imperialistas ocidentais, tendem a privilegiar a visão sionista, sob o pretexto de combater o antissemitismo. Por outro lado, veículos da chamada imprensa independente têm criticado o Estado de Israel pelas respostas desproporcionais ao ataque do Hamas e dão voz à independência da Palestina. Após garantir o resgate de brasileiros que estavam em Gaza, o presidente Lula endureceu o discurso ao considerar que o governo de Benjamin Netanyahu comete atos terroristas tanto quanto o Hamas.

ções, como o fatídico ataque de 7 de outubro.

"Eles criam um ramo militar chamado Hamas com a ajuda de, curiosamente, em Gaza, Israel. — Israel estava interessado em enfraquecer a Organização para a Libertação da Palestina (OLP)", complementa Singh.

Governos na Faixa de Gaza e Cisjordânia

Em 2006, o Hamas venceu as eleições legislativas na Palestina. Israel, EUA e países europeus não aceitaram o resultado. "Basicamente, o Hamas não foi autorizado a governar quando ganhou as eleições", comenta Rashmi Singh. O resultado disso foi a divisão dos governos da Faixa de Gaza, que é controlada pelo Hamas, e a Cisjordânia, sob controle da Autoridade Palestina.

Desde que a organização assumiu o poder de Gaza, Israel implementou bloqueio terrestre e marítimo. E, apesar de não ter relação com o Hamas, a Cisjordânia também vem sofrendo bombardeios israelenses, como resposta ao 7 de outubro.

CENSO 2022: População de BH diminui pela primeira vez

IBGE revela queda demográfica na capital comparada ao Censo anterior, em 2010; cidades da Região Metropolitana registram crescimento

João Antônio Cunha . 4ºp
João Victor Gambogi . 3ºp
João Vieira . 3ºp
Lucas Luckeroth . 3ºp

Em busca de melhor qualidade de vida para a família e de melhores condições para empreender no ramo da gastronomia, Daniela de Almeida, moradora de Belo Horizonte durante 37 anos, tomou uma importante decisão: mudou-se da capital mineira para um lugar chamado Prado. Apesar de o nome coincidir com o do conhecido bairro da zona

oeste, trata-se de um pequeno município localizado no extremo sul da Bahia. Aos 51 anos, a empresária não se arrepende. Casos como o de Daniela não são incomuns e se apresentam como nova tendência de acordo com dados do novo Censo Demográfico divulgados neste ano. Belo Horizonte teve retração populacional anual de 0,21%.

Organizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e inicialmente marcada para 2020, a mais recente edição do Cen-

so ocorreu com atrasos devido aos efeitos da Covid-19. Apenas no ano de 2022, doze anos após o último recenseamento, em 2010, os entrevistados foram às ruas para revelar a nova cara do Brasil.

Contrariando expectativas, a população brasileira apresentou taxa de crescimento abaixo do esperado - 0,52% ao ano, a menor variação desde o Censo de 1872, o primeiro da história demográfica do país quando ainda era uma monarquia governada por Dom Pedro II. Em Belo Horizonte, os resultados estão em contramão dos cenários nacional e estadual. Esse cenário é inédito para a centenária capital mineira, prestes a completar 126 anos em 16 de dezembro.

BH perde população

O caso de Daniela é um exemplo do fenômeno da evasão de populares na cidade de Belo Horizonte. Após quase quatro décadas na populosa metrópole, ela e a família optaram por uma nova realidade, mais afastada do grande centro urbano.

A superintendente do IBGE no Estado de Minas Gerais, Maria Antônia Esteves da Silva, aponta tendência de retração nas capitais e nas cidades com população superior a 500 mil pessoas e de crescimento das localidades nos entornos. Ela afirma que o fenômeno não é exclusivo do Brasil e é observado em outros países. Referente a Grande Belo Horizonte, cita Lagoa Santa, Sarzedo, Esmeraldas, Juatuba e Nova Lima como exemplos de municípios próximos à capital com intenso salto populacional de crescimento, próximo aos 40%



Localizada na região Centro-sul, a Praça da Liberdade é um dos principais pontos de encontro da população de Belo Horizonte

desde o último Censo.

Prado, município em que mora Daniela, na Bahia, por exemplo, registrou expressivo aumento de 26,7% da população. Cenário bem diferente da capital Salvador, com retração de um a cada dez habitantes (-9,64%) desde 2010, sendo a capital com a menor taxa de crescimento. Belo Horizonte ocupa a quinta colocação, atrás, além da capital baiana, de Natal (RN), de Belém (PA) e de Porto Alegre (RS), respectivamente.

Maria Antônia elenca o esgotamento da área, a busca por melhores condições de vida e a redução da fecundidade como causas para a retração populacional da metrópole mineira.

No caso de Daniela, a emigração foi motivada especialmente devido ao anseio por novas oportunidades, mas não se restringe a isso. A ex-moradora da capital mineira destaca também os fatores climáticos, como a piora na qualidade do ar e a temperatura. Segundo levantamento do Instituto de Energia e Meio Ambiente (IEMA), o ar na Grande BH registrou poluição qua-

tro vezes maior do que o recomendado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) no ano de 2021. O clima da cidade, por sua vez, atingiu números antes nunca vistos, de acordo com o Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet), com medição de 38,6°, a maior desde o início da série histórica, em 1910.

Outra desaprovção foi o trânsito "caótico" da cidade, causado segundo ela, pela deficiência dos transportes públicos. O levantamento internacional "TomTom Traffic Index", realizado em 2022, constatou que, nesse ano, os motoristas da capital ficaram, em média, 103 horas parados em engarrafamentos, sendo o 2º e o 49º pior trânsito do Brasil e do mundo, respectivamente, entre as cidades analisadas pelo estudo.

O Censo

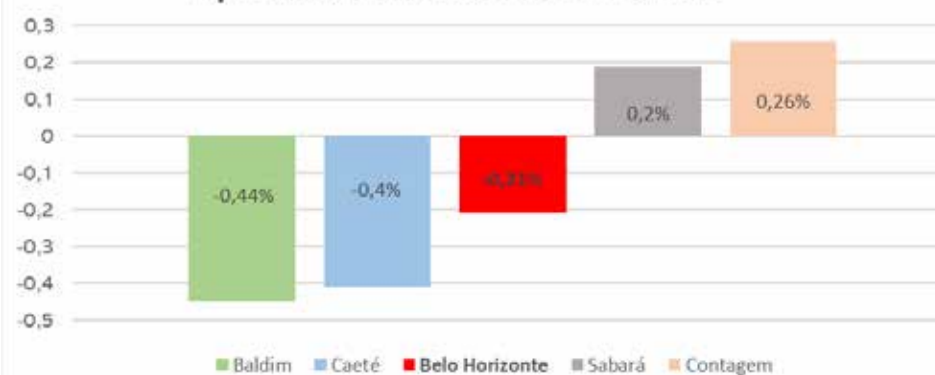
A superintendente do IBGE em Minas Gerais, Maria Antônia Esteves da Silva, admite as dificuldades enfrentadas ao longo do processo, destacando os sucessivos adiamentos e o contexto político-eleitoral. Parte do pro-

cesso de coleta de dados ocorreu simultaneamente com a acirrada campanha eleitoral do ano passado.

A taxa de não resposta, referente aos domicílios com moradores que não atenderam aos recenseadores, registrou elevado aumento em comparação ao Censo anterior. Em 2010, o índice foi de 1,6%; agora atingiu 4,23%.

A especialista explica que a taxa de não resposta deve ser analisada sob dois aspectos. "A entrevista não foi realizada por uma rejeição explícita do morador, ou porque o contato se tornou impossível", afirma. Os percentuais foram de 1,38% e 2,85%, na respectiva ordem. Tratando-se de uma operação censitária, apesar do crescimento do índice, ela destaca que os números foram baixos e que a técnica de imputação para domicílios ocupados sem entrevista, usada também em outros países, junto com modernos instrumentos tecnológicos tornaram possível a retratação fidedigna com alto nível de precisão operacional da população.

Menores taxas geométricas de crescimento da Região Metropolitana de Belo Horizonte; capital apresenta o terceiro menor índice



JOÃO VIEIRA

Preservação do patrimônio: como Poços de Caldas mantém de pé prédios que sustentam sua história

Igreja Matriz, Recanto Japonês e Festa de São Benedito são patrimônios históricos da cidade sul-mineira

Amanda Brasil . 4ºp
Mariana Alves . 4ºp

Entre os mares de muros que guardam histórias de águas passadas, Poços de Caldas mantém-se sólida - ainda que as águas é que levem as memórias que se fazem sobre as pedras. Uma cidade que carrega em suas estruturas e nas histórias que ecoam por suas ruas uma rica herança. Poços traz mais do que a beleza das serras e dos ventos - através de danças, de prédios e de festas, a cidade segue adiante sem nunca deixar de olhar para trás.

As edificações centenárias que alinham as ruas asfaltadas servem como testemunhas silenciosas da evolução da cidade. A Basílica Nossa Senhora da Saúde, a Igreja Matriz, com seus detalhes neorromânticos fielmente preservados, narra a história da devo-

ção e da dedicação da comunidade que, um dia, pôde observá-la sendo posta de pé. A Estação Ferroviária, agora um ponto de referência e palco para arte, relembra uma era em que o vapor e o apito dos trens moldavam a paisagem sonora da cidade; as Thermas Antônio Carlos, o Palace Hotel e Palace Cassino ainda impõem a mesma beleza dos anos de ouro que viveram.

E apesar de a imponência e beleza roubar os holofotes, o patrimônio imaterial da cidade também é uma parte vital de sua identidade. Em seus 151 anos de idade, Poços de Caldas tem tesouros que se sustentam em música, danças e cores, como a tradicional Festa de São Benedito, iniciada na primeira década do século XX, que é patrimônio imaterial da cidade. Como uma celebração de fé, a



MARIANA ALVES E AMANDA BRASIL

Festa de São Benedito é parte do patrimônio imaterial da cidade de Poços de Caldas, reúne gerações e mantém viva a devoção ao Santo e a tradição dos ternos de congo e caiapós.

feita uma grupos de diferentes crenças em cerimônias e procissões simbólicas para cada um deles - as congadas, a retirada dos caiapós da mata e a missa conga, em que todos os grupos podem celebrar suas crenças, sua fé, e suas diferenças. "Patrimônio é herança. Aquela coisa que tem mais valor. Aquilo que eu não consigo viver sem. Por

isso não são apenas imóveis. Uma tradição, uma festa, uma dança são patrimônios imateriais", afirma Antônio Carlos Rodrigues Lorette, professor do curso de Arquitetura e Urbanismo da PUC Minas campus Poços de Caldas.

Diante do avanço do desenvolvimento urbano e das forças do tempo, a preservação do patrimônio histórico

enfrenta desafios significativos - e preservá-lo vai além de manter paredes de pé. É uma viagem para as raízes, uma lembrança de que o passado é o alicerce sobre o qual o presente é construído e em que o futuro se sustenta - para isso, a educação patrimonial é parte indispensável. Sobre isso, Lorette afirma que o conhecimento das

pessoas é o que mais pode ajudar na preservação da parte histórica, e também cultural, de uma cidade. "É difícil", alega, a respeito da atenção que falta para o assunto. "A educação patrimonial é fundamental, e deveria cuidar disso. As pessoas deveriam estar conscientes para não aceitar coisas assim [apagamento da história]."

Jornaleiros e as novas tecnologias: como empreendimentos sobrevivem com o passar do tempo

Em Poços, as bancas de jornal se reinventam para enfrentar as mudanças emplacadas pelos novos comportamentos de consumo de notícias

Amanda Brasil . 4ºp
Mariana Alves . 4ºp

Nas ruas de Poços de Caldas, no Sul de Minas, encontra-se um verdadeiro tesouro histórico que, apesar dos desafios enfrentados ao longo das décadas, continua a encantar moradores e visitantes e, também, a contar a história da cidade. Os jornaleiros, personagens fundamentais para a distribuição de notícias ao longo do tempo, ainda estão enraizados nas esquinas e calçadas da cidade sul-mineira.

A história das bancas de jornal em Poços de Caldas remonta ao final do século XIX, quando a cidade começou a se desenvolver como estância

hidromineral. A chegada de visitantes em busca das propriedades medicinais das águas termais estimulou a demanda por informações e entretenimento, levando à criação dos primeiros pontos de venda de jornais e revistas. Desde então, esses estabelecimentos se tornaram uma parte essencial da paisagem urbana e cultural do município.

A resistência das bancas ao tempo é notável. Ao longo dos anos, passando de gerações, estes empreendimentos enfrentaram desafios significativos, como a concorrência crescente das mídias digitais e a evolução dos hábitos de leitura. Para Leandra Infante, jornaleira há mais de duas décadas, a tecnologia é a par-

te mais difícil de superar. "Fica complicado, né? Hoje é tudo muito rápido, muito tecnológico. As bancas ficam meio... Antiquadas", conta.

Em uma época em que muitos jornais tradicionais em todo o mundo estão encerrando suas operações, as bancas de jornal diversificaram sua oferta. Além dos jornais locais e nacionais, agora oferecem revistas especializadas, quadrinhos, livros, souvenirs e até mesmo serviços de celular. Essa diversificação permitiu que esses estabelecimentos continuassem sendo uma parte ativa e relevante da comunidade. "A gente vende de tudo um pouco, para atingirmos mais públicos. Brinquedos para as crianças, cré-

dito de celular, água. E o jornal, né? Que não pode faltar em uma banca," explica.

As bancas de jornal não são apenas locais de comércio, mas também guardiãs da memória local. Muitas delas exibem em suas paredes fotografias e notícias antigas que contam a história da cidade. "Quando eu era menor, eu sempre ia a bancas para comprar revistas adolescentes, histórias em quadrinho. Lembro que, quando criança, era uma felicidade parar em uma banca," relata a estudante Ana Elisa Lima.

Para quem trabalha com isso, o público, também, é a melhor parte. Ainda que a tecnologia domine grande parte da distribuição de notícias,



OTÁVIO BATTONI

Bancas de jornal ainda são encontradas no centro da cidade



OTÁVIO BATTONI

As bancas de jornal são usadas para venda de diversos artigos

há coisas que os aparelhos eletrônicos não podem, e não vão, substituir: o contato humano. "O que eu mais gosto de tudo é poder conversar com as pessoas. Elas vêm, falam com a gente, contam histórias. Não tem como isso parar de acontecer, mesmo com tudo digital", declara Leandra.

As bancas de jornal são mais do que meros pontos de venda de periódicos, são guardiãs da história local, promo-

toras da cultura, pontos de encontro e símbolos de resistência à passagem do tempo. Como uma parte essencial do tecido social e cultural, essas bancas, que antes apenas traziam notícias, agora contam histórias - e fazem parte dela, também. Esses pequenos museus a céu aberto ajudam a preservar as tradições, as memórias, e o tempo que passou por elas nas ruas da cidade.



O Edifício Niemeyer, que também faz parte da Praça da Liberdade, construído na década de 1950, é um dos orgulhos de quem nasceu e de quem veio morar na capital mineira



Festa cruzeirense em apoio ao time em partida no Mineirão

Daniel Langsdorff . 3º p
Lucas Faleiro . 3º p
Lucas Maia . 3º p
Lucas Parreiras . 3º p
Victor Oliveira . 3º p

Como está sendo a experiência do torcedor?

De acordo com informações coletadas pela nossa equipe de reportagem, na partida entre Cruzeiro e América-MG, válida pela 25ª rodada do Campeonato Brasileiro e realizada no Estádio Mineirão, em 1º de outubro, o preço médio dos ingressos foi de R\$46,00. Esse valor revela a tendência de elitização do acesso aos jogos de futebol em Minas Gerais. Em comparação com o estado do Rio Grande do Sul, em partida da semifinal da Libertadores, o Internacional comercializou bilhetes com preço inicial de apenas R\$ 10,00 no estádio Beira - Rio.

Além disso, a reportagem analisou os gastos de dois torcedores do Cruzeiro, um de baixa renda e outro com maior poder aquisitivo. O primeiro torcedor, que optou pelo setor amarelo inferior, relatou que seus gastos totais, incluindo ingresso, alimentação e transporte, somaram R\$146,70. Já o segundo torcedor, que

compareceu ao setor roxo inferior acompanhado de seu filho, desembolsou um montante de R\$418,00. Esses dados mostram a disparidade econômica entre os torcedores e o impacto dos preços dos ingressos no orçamento dos fãs do futebol. O público dos estádios tem sido composto, ultimamente, pelos torcedores que possuem um alto poder de compra, que faz com que a festa na arquibancada seja menor, visto que, no geral, as músicas de apoio aos times foram criadas e são entoadas pelos torcedores de camadas populares. As torcidas organizadas também têm sido afastadas dos jogos, já que os clubes cortaram a distribuição de ingressos para esses grupos.

O impacto social dos preços elevados dos ingressos

O ticket médio elevado dos times mineiros incomoda quem frequenta os estádios em Minas Gerais e se intensificou com reclamações massivas de torcedores nas redes sociais, principalmente no X (antigo

INGRESSOS CAROS afastam “povão” dos estádios de futebol em Minas Gerais

Além do alto custo dos bilhetes, o transporte e a alimentação dentro dos estádios também encarecem a experiência dos torcedores

Twitter). Entretanto, a elitização deste acesso não é um fenômeno novo, como explica o antropólogo e professor da PUC Minas, Alexandre Teixeira: “No caso brasileiro, o futebol chega no final do século XIX, trazido pelo Charles Miller, que era imigrante filho de imigrantes ingleses, colonos ingleses no Brasil. Ele foi mandado à Inglaterra pelos pais para estudar e lá o futebol já era esporte relativamente conhecido e popular. Ele traz isso na bagagem quando ele retorna ao Brasil no final do século XIX. Quando o futebol é trazido ao Brasil, ele começa de uma forma elitizada. Então, a história do futebol brasileiro é uma história que se inicia por imigrantes colonos, rapidamente vai ser incorporado pelas elites”.

Os times buscam atrair os torcedores de baixo poder aquisitivo por meio de seus programas de sócio torcedor. No Cruzeiro, por exemplo, há uma categoria em seu programa que custa R\$21,00 por mês, sendo a mais barata disponibilizada pelo clube e que permite que o torcedor pague R\$10,00 em um ingresso que custa normalmente R\$80,00. Entretanto, essa é a última categoria a poder comprar ingresso, e em apenas dois setores, os mais baratos do Mineirão. Em entrevista à reportagem, o corretor de seguros, Wellington Chagas, 35, relatou que sente os impactos desta elitização: “Há aproximadamente dois anos que não vou ao estádio, e uma das principais razões é o aumento significativo nos custos associados a assistir a jogos. O preço dos ingressos e os gastos adicionais, como transporte e alimentação, tornaram o acesso aos estádios um investimento considerável do meu ponto de vista.”

Entretanto, a antropologia enxerga a elitização de uma maneira que reafirma a desigualdade, que impossibilita o acesso a esse tipo de entretenimento. De acordo com Alexandre: “Então, um país muito desigual acarreta em poucas políticas públicas, que garantem a efetividade de todos os direitos sociais, entre eles o direito a lazer. A cultura é ter uma parte da população literalmente excluída dessa dimensão, esse consumo cultural que ocorre do futebol mais profissionalizado, principalmente da elite, que ocorre nas grandes arenas.”



Visão do setor Inter Leste, na Arena MRV, a nova casa do Atlético Mineiro

Relação Mineirão e clubes

Até 2010, o responsável pela administração do Mineirão era o Governo de Minas, por meio da autarquia ADEMG (Administração dos Estádios de Minas Gerais), quando foi repassada à Minas Arena. Com a extinção do antigo órgão de forma definitiva em 2013, as competências foram transferidas à Secretaria de Estado de Turismo e Transportes (Setes).

Entretanto, atualmente nenhum dos três grandes estádios de Belo Horizonte são administrados pela Setes, e sim pelo Atlético (Arena MRV), América (Arena Independência) e Minas Arena (Mineirão).

De acordo com o diretor da Minas Arena, Samuel Lloyd, fatores como a reforma do estádio e a privatização do Gigante da Pampulha não estão entre os fatores que encarecem a experiência do torcedor no estádio: “Então, a razão do preço do futebol não está ligada à construção de novos estádios. Ponto. Não está. Ela está ligada a outros fatores do futebol. Os fatores de decisão dos clubes mandantes, a necessidade de rentabilizar esses clubes. Em um

nível que eles consigam contratar novos jogadores, gerar receita. Mas, de forma alguma, ela está ligada ao preço de operação, no caso do Mineirão”.

O preço da alimentação nos estádios

Outro fator que gera reclamação entre os torcedores é o preço da alimentação dentro dos estádios em Minas Gerais. O custo de comidas e bebidas é considerado elevado pelos frequentadores das arenas.

Entretanto, a antropologia enxerga a elitização de uma maneira que reafirma a desigualdade, que impossibilita o acesso a esse tipo de entretenimento. De acordo com Alexandre: “Então, um país muito desigual acarreta em poucas políticas públicas, que garantem a efetividade de todos os direitos sociais, entre eles o direito a lazer. A cultura é ter uma parte da população literalmente excluída dessa dimensão, esse consumo cultural que ocorre do futebol mais profissionalizado, principalmente da elite, que ocorre nas grandes arenas.”

STREAMING NO BRASIL: lives ganham cada vez mais espaço nas coberturas esportivas

CazéTV tem alterado os padrões tradicionais da indústria de mídia e foi um dos únicos veículos a transmitir os Jogos Pan-Americanos

Ana Luiza Diniz . 3º p
Bruno Paz . 3º p
Clara Fonseca . 3º p
Lavinia Aguiar . 3º p



Casimiro, Karen Jonz, Luisinho e Thiago Pereira na bancada de transmissão dos Jogos Pan Americanos 2023 na CazéTV.

Streaming vs. TV

Atualmente, os streamings disputam cada vez mais espaço com a TV tradicional. Diferentemente da TV, o streaming tem um roteiro mais livre e dinâmico, possibilitando a interação com os espectadores através do chat e podendo gerar discussões ao vivo. Essa interação se torna um destaque entre as diferenças das mídias, uma vez que, se por um lado a TV usual demorava alguns dias para receber feedbacks de algum programa ou alguma situação, o streaming, por outro, fornece um retorno instantâneo da interação e envolvimento do público, seja através de visualizações, likes ou comentários.

Outra diferença que as duas mídias transmitem ao público é a utilização do tempo. A TV possui tempos bem predefinidos e muitas vezes se limita utilizando uma linguagem mais objetiva e direta. O streaming possui mais tempo para melhor desdobramento e uma ampla contextualização. A jornalista da TNT Sports, Bianca Molina, destaca as diferenças entre o streaming e a TV: “O ao vivo

é a melhor parte, o filé e o que dura menos, porque tu tem o ao vivo ali de 30 segundos para falar sobre o Pelé, que ele está quase morrendo. Então tem que achar as informações principais. Já no streaming, falaria de uma forma mais longa, de uma forma que aproxima mais o público. Tem mais tempo para abordar, porque não tem a pressão das entregas comerciais tão engessadas como é na televisão”.

CazéTV: recordes e a evolução do streaming no Brasil

A CazéTV foi criada pelo streamer Casimiro Miguel, que virou fenômeno entre os jovens com suas lives de react de diversos assuntos de uma forma descontraída, desde melhores momentos de uma partida de futebol a reality shows. Com o sucesso das lives, Casimiro quebrou paradigmas e passou a ter o direito de transmissão da Copa do Mundo de Futebol de 2022, sendo o primeiro streamer a realizar esse feito. Foi quando ele decidiu criar um canal específico para as transmissões esportivas, a CazéTV.

Antes da Copa, Casimiro já implementava transmissões esportivas em seus canais. No ano de 2022, o streamer negociou os direitos de pay-per-view do Athletico Paranaense. Os 19 jogos disputados pelo Furacão em casa foram exibidos no canal da Twitch do Casimiro e apenas os inscritos do canal puderam assistir. Desde a edição do Brasileiro daquele ano, está em vigor a Lei 14.205, a chamada lei do mandante, que foi aprovada em setembro de 2021. Por isso, o canal de Casimiro na Twitch pôde exibir apenas as partidas em casa do Athletico.

Já na Copa do Mundo de 2022, realizada no Catar, o canal do Youtube da CazéTV fez sua primeira cobertura internacional. A transmissão do jogo Brasil x Sérvia quebrou o recorde de visualizações ao vivo na plataforma. Foram mais de 3,31 milhões de pessoas acompanhando simultaneamente logo no final do primeiro tempo.

Após o sucesso e recordes de visualizações na Copa do Mundo, a CazéTV transmitiu todos os jogos da Copa do Mundo Feminina de Fute-

bol de 2023 na Austrália, com a maioria da equipe de cobertura sendo formada por mulheres e vários recordes batidos.

No jogo de abertura da Copa, entre Nova Zelândia e Noruega, houve diversos comentários machistas e preconceituosos contra as jogadoras em campo, além das comentaristas que estavam na cobertura. Casimiro precisou desativar o chat da própria transmissão ainda no primeiro tempo de jogo. Mesmo com esses casos, a Copa foi sucesso de visualizações, competindo com a TV aberta.

Ainda durante a cobertura da Copa do Mundo Feminina, a CazéTV anunciou que iria transmitir a SuperCopa da Alemanha e a Bundesliga 23/24: ao todo, serão 34 jogos exibidos até maio de 2024, com um jogo por rodada da competição transmitido. Casimiro também anunciou que os Jogos Pan-Americanos de Santiago, Chile, seriam transmitidos pela CazéTV, aumentando ainda mais o leque de eventos e modalidades esportivas veiculados no canal. No canal do Youtube, a live principal é chamada

de “Super Live” e, além dela, outras transmissões são iniciadas caso os jogos aconteçam de maneira simultânea.

Durante as primeiras horas de live, a cobertura da CazéTV foi criticada por parte do público que acompanhava os jogos do Pan. A principal crítica gira em torno da falta de especialização de alguns comentaristas escalados. Pedro Scooby, um dos alvos de críticas, é surfista profissional e comentou a disputa do skate, demonstrando, por várias vezes, pouco conhecimento do esporte.

A presença de atletas e ex-atletas é parte fundamental do estilo de transmissão adotado pelo canal do Casimiro, bem como a presença de influencers e comediantes somada aos profissionais da comunicação. Em uma de suas lives, Casimiro comentou sobre as críticas: “A galera está correta. A CazéTV tem como característica a descontração. A gente muitas vezes erra na mão, e foi o que aconteceu no Pan”. As críticas diminuíram consideravelmente depois das primeiras transmissões, consequência da interação instantânea entre público e produção que é o diferencial do streaming.

De acordo com Casimiro, em live na Twitch, é necessário encontrar um equilíbrio: “O Pan é um evento muito variado. Aí a gente tem que encontrar o meio-termo entre a galhofa, o entretenimento, a brincadeira e a informação. Para o público geral, a tia que está em casa, ela está adorando. Mas a galera que acompanha o esporte olímpico fica chateada”, admitiu. Apesar das críticas, a transmissão do Pan alcançou números expressivos e a CazéTV briga por cada vez mais espaço no jornalismo esportivo.

Seleção Brasileira Feminina de Cricket tem cidade do Sul de Minas como sede

Em Poços, o time realiza treinos diários, incentiva projetos sociais e celebra a inclusão da modalidade nos Jogos Olímpicos de 2028

Maíra Martins . 2ºp
Maria Olívia Ribeiro . 2ºp
Raphael Bahia . 2ºp

Em Poços de Caldas, no sul de Minas Gerais, encontra-se o núcleo de treinamentos da Seleção Feminina Cricket Brasil que, a cada ano, tem conquistado a atenção da torcida e o interesse de jovens atletas que descobrem o esporte. A mais recente conquista da equipe foi o terceiro lugar na disputa das classificatórias americanas, em Los Angeles, para a Copa do Mundo da modalidade (ICC 2023 Women's T20 World Cup Americas Qua-

lifier). Na oportunidade, o time conquistou o terceiro lugar no pódio, e voltou para casa com mais metas para 2024.

O time do Brasil é treinado por Luis Felipe Pinheiro, o "Xipinho", ex-jogador da modalidade, que conheceu o cricket em 2013 por meio de um projeto social na escola onde estudava. "Cricket é um esporte fácil, mas tem muitas regras. É praticamente 11 jogadoras para cada lado, contra dois rebatedores. Para além da prática esportiva, a modalidade também ensina disciplina, responsabilidade e respeito. Hoje, aqui em Poços, as escolas nos

procuram para ter aulas de cricket. É como um trabalho de formiguinha, a modalidade vem se destacando no município, e leva o nome do país para diversas competições", comenta Xipinho.

Entre os nomes de destaque da equipe, a veterana Roberta Moretti traz palavras de motivação e incentivo às companheiras. "Fomos contratadas como jogadoras profissionais em 2020. O Brasil foi o primeiro país a registrar uma seleção feminina de cricket antes mesmo de uma seleção masculina. Em 2021, tivemos nossa primeira competição nesses moldes pro-



A Seleção Brasileira de Cricket, em setembro, durante a disputa pelas qualificatórias americanas para a Copa do Mundo da modalidade (ICC 2023 Women's T20 World Cup Americas Qualifier)

fissionais. Ao longo dos jogos, ganhamos do México, do Canadá, da Argentina e, aí, para levarmos o segundo lugar, tínhamos que acertar o arremesso. Foi a glória! Nossa jogadora, uma menina de 17 anos, que veio do projeto social, acertou e ganhamos. Tudo isso é muito simbólico e importante. Hoje eu permaneço no cricket pela influência que isso pode gerar nas novas jogadoras e o legado para quem está começando agora", conta.

O representante da Confederação Brasileira de Cricket, Matt Featherstone, é inglês, e jogou cricket profissional na Inglaterra por muitos anos. No Brasil, havia apenas resquícios

do esporte, justamente por ser semelhante ao bet e ao taco, jogos populares de rua. Featherstone iniciou a busca por projetos em que desenvolveria o cricket no Brasil, procurando em grandes cidades como Brasília, Rio de Janeiro e São Paulo, mas, foi na cidade de Poços de Caldas, no sul de Minas, que Matt obteve sucesso em consolidar a modalidade.

O primeiro projeto teve início em uma escola da cidade, com 26 crianças e um professor. Hoje, já são mais de 5.000 crianças, e vários pontos de treino na cidade com participação ativa dos alunos. "Poços, hoje, é a capital do cricket na América Latina. O modelo pratica-

do por aqui é referência para ser implantado em outras cidades. Não necessariamente queremos que todos os participantes se tornem atletas, mas queremos proporcionar oportunidades de forma acessível para todos", comenta Roberta.

A equipe de Cricket de Poços de Caldas se prepara, agora, para o Campeonato Sul-americano 2024, e comemora a inclusão do cricket nos Jogos Olímpicos de Los Angeles, a partir de 2028. Com atletas experientes como Roberta e Xipinho, o Brasil está pronto não apenas para competir, mas para deixar uma marca significativa no cenário internacional do esporte.

Atletas sul-mineiros compartilham sonhos e experiências olímpicas

Tatiele Carvalho, corredora, foi a primeira mulher finalista olímpica da história do Brasil, e Luiz Felipe Domingos se destaca em competições de triathlon dentro e fora do país

Luana Renó . 2ºp
Livia Akemi . 2ºp
Renan Pacetti . 2ºp
Otávio Battoni . 2ºp



Tatiele Carvalho é poços-caldense e representou o Brasil nos 10 mil metros na Olimpíada do Rio, em 2016

O atletismo, um dos esportes mais tradicionais e conhecidos do mundo, tem se destacado na cidade de Poços de Caldas, no sul de Minas Gerais. No município, o esporte tem sido cada vez mais representado por atletas profissionais, além do calendário cheio de opções para corridas pedestres amadoras ao longo do ano e projetos sociais que disseminam a paixão e o conhecimento acerca da modalidade.

Em meio a projetos sociais, dois dos nomes têm ganhado destaque nas modalidades de corrida e triathlon: Tatiele de Carvalho e Luiz Felipe Domingos. Os dois atletas foram descobertos e incentivados desde crianças no projeto social para jovens corredores, criado por Olivino Martins de Alvarenga, o Chico Corredor,

que fez história na cidade ao incentivar, por mais de quatro décadas, crianças a correr. Apesar de Chico Corredor ter falecido em 2017, seu projeto continua ativo, conduzido pela mãe de Luiz Felipe, que também é atleta.

Tatiele, por sua vez, é um dos nomes mais importantes entre as descobertas de Chico Corredor. Descobriu cedo sua paixão pelo esporte, e nunca deixou de ser incentivada a segui-lo. "Comecei aos oito anos. Digo que não escolhi o atletismo, foi o atletismo que me escolheu. Não me conheço fora do esporte". Com o passar dos anos e com disciplinada dedicação, Tatiele participou de campeonatos locais, regionais, pan-americanos, mundiais, foi duas vezes a melhor brasileira na corrida interna-

cional São Silvestre e cinco vezes recebeu o Troféu Brasil de Atletismo.

O mundo pôde testemunhar a atleta poços-caldense, que representou o Brasil em 2016, quando disputou os Jogos Olímpicos no Brasil, sediados no Rio de Janeiro. Comprometida em fazer história, ela se tornou a primeira mulher finalista olímpica da história do Brasil nos 10 mil metros. "Sem dúvida, durante as Olimpíadas, vivi momentos inesquecíveis. Estava ao lado de atletas que eu só conhecia pela televisão, para representar o nosso país. E a sensação de ouvir a multidão gritando seu nome é uma energia única. Foi incrível ter vivido tudo isso, e foi um divisor de águas na minha carreira, ser a primeira mulher finalista



Luiz Felipe Domingos se prepara para competições internacionais em 2024 e busca novos índices no triathlon.

olímpica do Brasil", relembra. Após tantas conquistas, Tatiele já fala em aposentadoria. Ela afirma que já são 25 anos de carreira e a idade começa a pesar no rendimento. Mas, essa decisão só deve vir após os Jogos Olímpicos de 2028, pois ela pretende repetir o feito e garantir o índice olímpico novamente. "Já me vejo aposentada e conquistando outros objetivos. Quero a oportunidade de des-

cobrir novos talentos, estimular o esporte entre crianças, jovens e mulheres. Me formo em Educação Física, e quero montar uma escola de atletismo para ajudar outras pessoas".

Já Luiz Felipe tem planos diferentes da colega, que foi descoberta, assim como ele, quando criança em um projeto social da cidade. Atleta profissional desde 2017, Luiz está conquistando cada vez mais espaço na modalidade XTerra de Triathlon. Esta envolve natação, corrida e ciclismo, e ele já foi considerado um dos top 20 atletas mundiais da categoria. "Meu plano é ir pra Austrália no ano que vem e chegar entre os cinco primeiros. Levar o nome de Poços e do Brasil sempre para o pódio", declara.

Tanto Tatiele quanto Luiz, que tanto dedicam à vida pelos pódios, reafirmam o quanto o esporte é importante. Àqueles que sonham em se tornar atletas profissionais, a dedicação deve ser companheira de todos os dias. "Hoje temos vários exemplos de pessoas em que outros jovens podem se inspirar, até mesmo nós dois. É importante não desistir, buscar apoio, e sempre celebrar as conquistas", aconselha Tatiele.

As vítimas invisíveis da capital mineira

Tainá Lopes . 4ºp

Nos últimos anos, Belo Horizonte tem sido celebrada como uma referência quando se trata de cidades seguras no Brasil. No entanto, por trás dessa fachada de tranquilidade, dados e estatísticas revelam uma realidade surpreendente. De acordo com os Registros de Eventos de Defesa Social (REDS), 43% das ocorrências policiais resultando em mortos e/ou feridos entre 2013 e 2018 tiveram lugar na capital mineira.

A cidade, portanto, se depara com uma face oculta de violência policial que põe em xeque essa suposta segurança. Casos como o de André Cavaleiro, líder comunitário da Central Única das Favelas (CUFA), agredido por policiais militares enquanto realizava um churrasco para comemorar uma vitória de futebol no Alto Vera Cruz, não são incomuns em Belo Horizonte, mas raramente costumam obter o necessário reconhecimento midiático.

BH abraça a reputação de ser um refúgio de tranquilidade, especialmente porque são poucas as informações veiculadas sobre a extensão da violência policial na cidade. Segundo Robson Sávio Reis, doutor em Ciências Sociais e pós-doutor em Direitos Humanos, "certamente há uma subnotificação



Brutalidade policial nas ruas de Belo Horizonte



Violência policial em manifestações de rua em 2013

de casos, até porque as pessoas periféricas, pobres, pretas, que são as maiores vítimas da violência policial, têm medo de denunciar." A polícia de Belo Horizonte não é reconhecida por ser tão letal quanto algumas em outros pontos do país, como as do estado do Rio de Janeiro e São Paulo, mas age de semelhante forma discriminatória.

A violência perpetrada pela Polícia Militar é um fenômeno histórico, e está associada à proteção e preservação dos privilégios da elite brasileira. Estatísticas dos REDS indicam que a maioria das vítimas de violência policial em Minas Gerais são pessoas pretas ou pardas, expondo um preconceito profundamente enraizado no Brasil. Esse viés racista e a brutalidade policial

contra a população negra se perpetuam em abordagens discriminatórias e no uso excessivo de força.

Para Robson Sávio, "a polícia age de forma muito discriminatória, principalmente nas comunidades periféricas de pobres. Operações policiais com o uso excessivo de força, humilhação e pouca técnica operacional acontecem cotidianamente." O receio da retaliação e pavor de denunciarem os casos de violência policial, aliados ao caráter imponente dos militares, obscurece a verdadeira realidade de Belo Horizonte. Muitos preferem suportar as ações discriminatórias dos policiais por conta das possíveis consequências relacionadas à denúncia, que variam desde o encarceramento até a morte.

O papel da mídia na perpetuação do preconceito

A Delegacia de Homicídios da Cidade de Belo Horizonte revela que 55% dos 433 homicídios ocorridos na cidade em 1998 envolveram o uso ou a venda de drogas. A percepção errônea de que esse tipo de ato criminal se concentra apenas nas áreas mais pobres é extremamente nociva ao bem-estar dos moradores de comu-



Policiais atuam com violência contra manifestantes na capital mineira

nidades. O simples fato de residir em uma favela acaba sendo o suficiente para alimentar o preconceito arraigado no país.

O pesquisador Robson Sávio argumenta que "a mídia empresarial corrobora com essa visão equivocada e injusta de que o problema das drogas, por exemplo, está relacionado à pobreza. A criminalidade está relacionada à pobreza. A violência está relacionada à pobreza." São várias as notícias que denunciavam o tráfico de drogas em favelas, mas poucas expõem a realidade oculta das áreas mais nobres, não apenas em Minas Gerais, como em todo país.

No artigo "A cor do medo em um território inimigo: a 'fundada suspeita' enquanto

dispositivo regulador da violência policial e consequentes mortes de pessoas negras no Aglomerado da Serra/Belo Horizonte/MG", a pesquisadora Mayara Ferreira Mattos afirma que a favela é retratada na mídia como um local em "guerra". Essa representação perpetua a crença de que essas comunidades brasileiras são extremamente perigosas e dominadas por gangues e facções criminosas.

As vítimas desse preconceito, em sua maioria, pessoas pretas, são paradoxalmente retratadas no papel dos agressores. Os mesmos indivíduos que já enfrentaram comentários depreciativos, dificuldades financeiras e extrema carência agora são vistos como ameaças iminentes à sociedade brasileira. Enquanto

moradores dos bairros mais ricos de Belo Horizonte, como Bandeirantes e Belvedere, costumam aplaudir a Polícia Militar, as favelas da capital mineira não desfrutam dos mesmos privilégios. A discrepância é enorme, e serve como um dos motivos para o ceticismo da população em relação aos inúmeros atos violentos e abusivos cometidos por oficiais.

Em teoria, a polícia possui o dever de proteger a população e garantir os direitos dos cidadãos brasileiros. Contudo, como apontado por Robson Sávio, "de uma maneira geral, as pessoas não têm confiança na polícia. Elas têm medo da polícia. E nenhuma instituição democrática é boa quando ela se impõe pelo medo e não pela confiança técnica."

Mercado Central de BH coleciona histórias de empreendedorismo familiar

Ponto de encontro dos mineiros impulsiona economia com tradição e modernidade

Ana Luiza Soares . 32p
Caroline Vitória . 32p
Emanuele Lage . 32p
Júlia Barreto . 32p
Maria Clara Sá . 32p

Com 94 anos de trajetória, o Mercado Central de Belo Horizonte é conhecido pela variedade de produtos comercializados e pela tradição de empreendedorismo familiar. Ele oferece oportunidades para pequenos empreendedores e famílias que buscam comercializar produtos locais, artesanatos e culinária típica, permitindo a geração de renda e preservação da cultura mineira. As mais de 400 lojas espalhadas pelos 24 mil metros quadrados abrigam uma preciosa coleção de histórias de empreendedorismo dos comerciantes, muitos que já se encontram na quarta geração das famílias e permanecem reinventando o lugar.

Segundo o empresário e gerente do Mercado, Geraldo Henrique Figueiredo Campos, em entrevista ao jornal "Edição do Brasil", o espaço tem muita influência na economia de Minas Gerais. Ele afirma que o mercado gera 184 empregos diretos e mais de 2 mil indiretos. Entretanto, devido à política interna, não existem dados oficiais sobre a movimentação financeira, mas simula-se que o faturamento seja de mais de R\$1 milhão mensal.

De tradição familiar, os comerciantes do Mercado Central entendem. Muitos dos negócios estabelecidos na Avenida Augusto de Lima, no Centro de BH, são sustentados por famílias que mantêm os comércios vivos entre as gerações, como é o caso da "Tradicional Limonada", do "Café Dois Irmãos" e da "Sabor Frios e Defumados".

Tradicional Limonada

Em 1948, um homem conhecido como Seu Gabriel, chegou a Belo Horizonte



As três gerações da família Amorim

para trabalhar na "Tradicional Limonada". O "Vô Gabriel" começou como carregador, tornou-se sócio e depois dono do estabelecimento. Raí Amorim, seu neto, é o atual proprietário ao lado do irmão, Rodolfo. Ele conta que vinha na loja desde pequeno e olhava o pai e o tio trabalhando no balcão, mas não tinha interesse em continuar o legado até realizar um intercâmbio. "Senti falta das conversas do balcão e passei a ver a valorização dos negócios antigos. Assim eu tive a ideia de valorizar o que é meu", afirma.

Na gerência da loja desde 2016, os irmãos Amorim misturam tradição com inovação. A limonada continua sendo o produto principal. Raí destaca alguns clientes que frequentam o local há 70 anos e afirmam que o sabor permanece o mesmo. Mas há também espaço para experimentações, como o bolinho de feijão e a caipirinha, que atraem jovens e famílias.

Hoje, Raí afirma que gosta dessa vivência e planeja passar isso para as próximas gerações. "A limonada não é nossa e sim da cidade. Isso é bom, esse sentimento".

Café Dois Irmãos

O "Café Dois Irmãos" é um dos lugares mais tradicionais do Mercado Central. Sidney Gonçalves de Castro Filho, 74 anos, é o atual dono da casa. Trabalhava em uma loja de tecidos quando um amigo alertou-lhe sobre uma lojinha de café, a "Café Minas Rio", que "era muito mal trabalhada", conta. Em 1974, aos 24 anos, Sidney conseguiu comprar o estabelecimento, que era no Mercado Novo, e relembra que as vendas de café em pouco tempo foram de 160 kg por mês para 160 kg diários. Dois anos depois, alugou a loja ao lado e aumentou o espaço. O irmão, Pedro Gonçalves, foi traba-



Sidney Gonçalves, fundador do Café Dois Irmãos



O Mercado Central é um dos pontos turísticos mais visitados de Belo Horizonte

lhar com ele e permaneceu como sócio por 25 anos. Em 1985, o Café Dois Irmãos chegou ao Mercado Central e hoje Sidney trabalha com as filhas, Isabella, que é sócia do pai, e Micaelle.

Membro eleito do conselho do Mercado, o empresário está presente no local praticamente todos os dias por prazer. "Você quando descobre uma coisa que gosta, não é trabalho", comenta. O café e a broinha de milho são os produtos mais vendidos, mas os abraços de Sidney são carros-chefe no estabelecimento, frutos de sua recepção calorosa que conquista e fortalece a amizade com os clientes.

Sabor Frios e Defumados

A "Sabor Frios e Defumados" é a primeira charcutaria no Mercado Central. Vicente Rocha, o fundador, já trabalhava no ramo da indústria alimentar, especificamente na área de carnes, e desejava fazer algo diferente. Com inovação e muito estudo, ele decidiu criar a charcutaria, que já está há mais de 30 anos no mercado. André Rocha, sobrinho de Vicente, hoje é auxiliar administrativo do local e conta que quando o tio fundou, seu pai participou e ajudou a alavancar o negócio, e com o tempo, seu primo também começou a fazer parte da gestão.

Hoje, além dos produtos de fabricação própria, a charcutaria tem uma indústria e outra filial. André ressalta a importância de focar nas novidades e qualidade das mercadorias ofertadas para a



Primeira charcutaria do Mercado Central

evolução do comércio. "Todo mês, todo ano, a gente está procurando inovar algum produto". Creuseni Rodrigues é funcionária da loja e relata que trabalha com mais de 100 itens artesanais, além dos importados e nacionais. Ela afirma que o negócio é focado tanto nos mineiros como nos turistas e destaca a preocupação com a saúde de todos os clientes.

Quase cem anos de tradição

O Mercado, que surgiu da união de vários comerciantes com apenas algumas barracas focadas no horti-fruti, expandiu a oferta de mercadorias e deixou de ser um simples comércio para se tornar um dos principais pontos turísticos da capital mineira. São muitos anos de várias histórias. Para alguns o dia começa ali, com um bom café e broa de milho. Para quem visita a cidade e quer levar uma lembrança para casa, o Mercado é parada obrigatória.

Esse cenário é possível graças ao grande volume de clientes, muitas vezes turistas, que frequentam o Mercado Central diariamente. Os que vêm de fora declaram-se encantados pelo ambiente mineiro, o que explica a preferência pelo mercado. Os que se mudaram de estado costumam dizer que o espaço traz a nostalgia de morar na capital mineira: "Gosto do Mercado para matar a saudade, tem tantas coisas de Minas que posso enfeitar

minha casa com a cultura mineira. Irei levar tudo que posso", alega Larissa Simões, de 33 anos, que mora na Alemanha desde 2021 e está passando uma temporada na cidade natal pela primeira vez desde a mudança.

Há também os moradores de BH que já transformaram os passeios pelo mercado em tradição. É o que conta Elaine Araújo, de 47 anos: "Fui criada vindo aqui, eu vinha aqui desde pequena e agora continuo esse ritual com os meus filhos. É uma tradição familiar". E para muitos comerciantes é uma oportunidade para estabelecer carreira, enxergar um fu-

"Aqui no Mercado Central você não vai se perder, você vai se achar. Você vai ver coisas que nunca viu".

Sidney Gonçalves

turo e dar continuidade nos negócios familiares, passados de geração em geração.

Considerado um dos maiores e melhores do mundo, o Mercado caminha para completar um século de trajetória. O ponto turístico, que recebe 1,3 milhão de visitantes por mês, completa 100 anos em 2029 e já planeja as ações que vão ocorrer de agora até o centenário, e promete aliar tecnologia e tradição nas comemorações.

Cervejas artesanais fomentam a economia no Sul de Minas

Poços de Caldas incentiva a indústria cervejeira artesanal e atrai turistas de todo o país

Mariana Alves. 40p

À base de uma caldeira vulcânica, com suas belas paisagens arborizadas, pontos turísticos e clima característico, Poços de Caldas, localizada a cerca de 450 km da capital Belo Horizonte, é contemplada, também, por vários bares, restaurantes e aconchegantes espaços de convivência. Dentre todos os atrativos, a cidade se destaca quando se trata da gastronomia - além dos típicos pratos mineiros e culinária local, as cervejarias artesanais, que fomentam a economia e a cultura, têm conquistado moradores e turistas de todo país.

Desde o boom da produção e comercialização de cervejas artesanais, os produtores locais começaram a investir neste mercado que, ca-

da vez mais, vem crescendo na região e Brasil afora. São, ao todo, onze cervejarias pela cidade. Luiz Henrique Justo, engenheiro de materiais e cervejeiro, era um dos que comercializava insumos para Poços de Caldas e região, e explica a importância da cerveja artesanal, que preenche o mercado nacional em 3% - isso, se comparado aos 97% das grandes indústrias. "A cerveja artesanal influencia positivamente, pois ela estimula o consumo consciente, consumo local e o consumo mais fresco. O importante é propagar para que as pessoas conheçam mais os produtos e sobre a cerveja artesanal", afirma.

Por conta deste movimento foi criada na cidade a Liga das Cervejarias Vulcânicas, diretamente relacionada ao fato de que Poços de Caldas

está situada em uma caldeira vulcânica, o que influencia na água da região e faz com que cervejas artesanais produzidas no município sejam únicas. Desde a criação da Liga, que contempla seus associados - os donos das cervejarias -, houve contribuição para a cidade de mais de dois milhões de reais anuais em impostos, além de mais de 250 toneladas de resíduos de produção, que foram repassadas para pequenos produtores locais, segundo dados da própria Liga. Marcelo Gonçalves, presidente da Liga, comenta sobre a importância econômica das cervejas artesanais e o papel social delas na cidade. "A cidade já possui mais de 600 torneiras de chopp, gerando empregos diretos e indiretos. Consequentemente, atraindo cada vez mais turistas que querem ter

a experiência de conhecer as cervejas locais".

A Liga das Cervejarias Vulcânicas proporcionou mudanças e novas conquistas, como a criação do Dia Municipal da Cerveja Artesanal, celebrado no mês de maio e, para entreter e guiar os curiosos e amantes de cervejas foi criado o roteiro turístico cervejeiro. Luiz Henrique Justo, que também é dono de uma cervejaria artesanal e associado à Liga, conta como a associação tem proporcionado novos horizontes. "A Liga é extremamente importante, surgindo em um momento em que o mercado está bem aquecido. Então, a união das cervejarias artesanais não é uma concorrência direta, mas uma concorrência saudável. A união alimenta o turismo de Poços e atrai pessoas do Brasil todo", conclui.



OTÁVIO BATTONI



OTÁVIO BATTONI

Cervejas artesanais movimentam a economia e despertam novos sabores para quem aprecia a bebida. Na cidade são mais de 600 torneiras de chopp fresco de origem local.

Indústria e serviços são os setores mais engajados em ESG no Brasil hoje

Belo Horizonte está na 5ª posição de representatividade, aponta pesquisa Amcham



Ígor Nonato

Indústria e serviços são os setores mais engajados em ESG no Brasil, de acordo com relatório da pesquisa "Panorama ESG 2023", elaborado pela Câmara Americana de Comércio para o Brasil (Amcham). Mais de 80% das empresas brasileiras que têm em andamento práticas de sustentabilidade nos negócios representam os setores secundários e terciários da economia. As empresas de serviços são líderes no ranking, representando mais de 50% do total.

Belo Horizonte (MG) tem a 5ª maior concentração de empresas que adotam práticas ESG no país, com 7% de representatividade, junto de Porto Alegre (RS) e Curitiba (PR). A liderança pertence ao estado de São Paulo, especialmente a capital, que representa 40% do total dos parti-

cipantes da pesquisa.

O ESG é aplicado no mundo há pelo menos 20 anos. No Brasil, começou a tomar relevância em 2018 e já é uma realidade de atuação e investimento a nível internacional.

Para o relatório do "Panorama ESG 2023", a Amcham contou com 574 respondentes, principalmente de empresas de médio e grande porte (70%) do país. Juntas, elas empregam mais de 486 mil pessoas e possuem um faturamento anual de aproximadamente R\$ 762 bilhões.

"No Brasil, se estamos falando de empresas tradicionais, indústrias com performance global, o nível de engajamento e entregas de resultados em ESG aumenta, sobretudo para atender a agenda climática", considera Júnia F. Carvalho, gestora de projetos ESG e idealizadora do 1º MBA em ESG e Inovação

do Brasil. Para a gestora, na implementação de práticas ESG, "ter maturidade é o diferencial", independentemente do tempo de atuação no mercado. Ainda assim, o relatório Amcham Brasil revela que as empresas tradicionais se destacam na agenda ESG — as que têm mais de 10 anos de atuação representam 75% do total de respondentes, enquanto o grupo de empresas com menos de 3 anos que já aderiram à política sustentável corresponde a apenas 6%.

Júnia Carvalho entende que isso se justifica pelo propósito empregado nos negócios e alerta para o fato de que hoje muitas empresas, apesar de terem os princípios ESG ativos, apresentam ações pontuais, sem consistência, e por isso não representam a política sustentável de forma verdadeira. Para a gestora, um projeto ESG só ganha no-

riedade quando considera as dimensões ambiental, social e financeira a longo prazo. "Estamos falando da razão de existir com um planejamento estratégico", diz.

Regulamentações

Procurado pela reportagem, o Ministério do Meio Ambiente e Mudança do Clima - MMA revelou que "até o momento não possui política específica para a regulamentação dos critérios ESG" e que "de forma geral, pode-se dizer que a Política Nacional do Meio Ambiente, instituída pela Lei nº 6.938/81, já define indiretamente padrões de sustentabilidade quando determina em seu art.12 que os financiamentos e incentivos governamentais devem estar condicionados a critérios ambientais". Hoje, o Banco Nacional de Desenvolvimento (BNDES)

oferece condições financeiras mais atrativas, de modo não retroativo, para aqueles clientes que comprovem a melhoria de indicadores durante a vigência da operação, de forma a estimular a adoção de práticas empresariais mais eficientes e sustentáveis.

Nas práticas de consultoria, Júnia Carvalho lembra que, no Brasil, a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) lançou, recentemente, a primeira versão PR 2030/ESG, que contempla conceitos, diretrizes e modelo de

avaliação e direcionamento para Organizações. Esse trabalho faz o alinhamento dos principais princípios ambientais, sociais e de governança e orienta os passos necessários para incorporá-los nas empresas. "A PR 2030 não é uma lei, mas funciona como base técnica para regulamentações futuras", informa Júnia.

2015, composta por 17 objetivos e 169 metas a serem atingidos até 2030, como erradicação da pobreza, energia limpa e acessível e redução das desigualdades.

A sigla **ESG** refere-se às palavras Environmental, Social and Governance, em inglês. Em português, uma tradução possível é Ambiental, Social e Governança. A política estabelece ações práticas que favorecem a organização das empresas quanto à dinâmica sustentável de trabalho, muitas delas em respeito aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) das Nações Unidas.

DE VOLTA PARA O PASSADO: cresce o número de remakes e adaptações no cinema

O equilíbrio entre novas tramas e o sentimento de nostalgia que tem unido gerações é a nova fórmula do sucesso

Karen Cristina . 3º p
Livia Marques . 3º p

Em 2023, os cinemas foram arrebataados por multidões vestidas de rosa, prontas para contemplar nas telonas uma personagem mundialmente conhecida desde 1959: a Barbie. A produção, que arrecadou 1 bilhão de dólares em bilheteria mundial, é um dos exemplos de filmes que resgatam histórias já conhecidas pelo público, tornando-se expressivos na mídia novamente. A boneca mais famosa do mundo gerou uma interação notável com o público nas redes sociais, mas outros clássicos também ganharam novas versões. "Indiana Jones e a Relíquia do Destino" comemora 42 anos de lançamento do primeiro filme da franquia, lançado em 1981. "Pânico VI" integra a lista com quase três décadas de acertos, e "Super Mario Bros: o filme" saiu mais uma vez do dos games para o universo cinematográfico. O equilíbrio entre novas tramas e o sentimento de nostalgia que tem unido gerações

é a nova fórmula do sucesso.

O interesse do público por produções que evocam sentimentos nostálgicos se destacou no pós-pandemia da COVID-19. Segundo dados do Box Office Mojo, apenas cinco filmes ultrapassaram a marca do bilhão em bilheteria mundial desde 2019, e todos eles possuem um elemento em comum: a nostalgia. Essa lista inclui: "Homem-Aranha: Sem volta para casa" (2021), "Super Mario Bros: o filme" (2023), "Top Gun: Maverick" (2022), "Barbie" (2023) e "Jurassic World: Domínio do Mundo Jurássico" (2022).

A busca por conforto ao se apegar em objetos e lembranças felizes em um momento de crise não é novidade. Para exemplificar, a doutoranda em Comunicação Social pela UFMG e pesquisadora de branding, transmídia e plataformas digitais, Emmanuelle Dias, cita o historiador Gary Cross, que explica que, no contexto pós Segunda Guerra Mundial, as pessoas se apegaram àquilo que lhes remetia à infância, guardan-

do objetos que os faziam lembrar de momentos alegres. "Este tipo de nostalgia é denominado como nostalgia de consumo. Ela se baseia na saudade de bens do passado que vieram de uma experiência pessoal diante de um cenário de capitalismo tardio", explica a pesquisadora.

"É uma estratégia para manter relações afetivas, de fidelidade e de continuidade de consumo com os fãs de um universo narrativo"

O alvo de audiência dos produtores e roteiristas não é restrito apenas às pessoas que vivenciaram as obras em seus auges de lançamento. Fazer com que novas gerações conheçam referências antigas é uma ferramenta de criação de novas histórias e novos interesses. O mestre em Cinema, Robertson Mayrink, explica que a indústria cinematográfica precisa sempre renovar seu público e procura trazer a juventude para as salas de cinema. Os jovens, por sua vez, estão em uma



Filmes "nostalgia" têm sido destaque na indústria cinematográfica pós-pandemia

busca incessante por novas experiências e estão dispostos a consumir novos produtos e comentar sobre eles, trazendo uma tendência antiga de volta.

Já os fãs de "carteirinha" são uma audiência esperada, mas que precisam ser reconquistados. Apesar de críticos e atentos a quaisquer mudanças das versões originais, são eles que mais apoiam o retorno de seus personagens favoritos e são como verdadeiros mentores para quem está conhecendo os ícones da cultura pop que já foram um fenômeno em algum momento. Para Sávio de Moura, 40, ex-funcionário de uma locadora de filmes em Belo Horizonte e apaixonado por cinema, é gratificante assistir às novas versões de seus filmes favoritos, especialmen-

te os de ação, ficção e terror, por conta da tecnologia utilizada atualmente que melhora os efeitos empregados nos longas.

Crise em Hollywood

Existe um estudo mercadológico na pré-produção para entender se há fatores que podem ser inseridos que, segundo Emmanuelle, "potencialmente podem chamar atenção dos públicos e facilitar maior aceitação e bilheteria". Entretanto, a pesquisadora ressalta que existem muitas variáveis a se considerar, principalmente ao calcular os custos, que vão desde questões artísticas como efeitos especiais, equipamentos, locações de filmagem e figurinos, até questões técnicas como salários da equipe, transporte, alimentação, entre outras.

A crise na indústria cinematográfica pode estar afetando a criação de roteiros inéditos, como explica Mayrink, que aponta a debandada de roteiristas para projetos independentes que não exigem tanto "apelo comercial". Uma das questões reclamadas pela classe dos artistas é a utilização de inteligência artificial para a criação de roteiros com base em outras obras já existentes. Os profissionais exigem o fim do uso de tais práticas a fim de assegurar os direitos de seus trabalhos. Contrária à nova onda de adaptações e remakes, Alessandra opina que não se sente muito empolgada com essa tendência: "Às vezes essa mudança na obra original é boa, mas por que não usam essa liberdade criativa para criarem outras histórias?".

Adaptação ou Remake?

A abordagem nostálgica se manifesta de várias formas na produção cinematográfica, incluindo remakes, adaptações e sequência de franquias. Segundo a pesquisadora Emmanuelle Dias, um remake pode ser entendido como uma versão atualizada de uma obra cinematográfica já existente. Normalmente, esse tipo de obra é uma tentativa de trazer elementos atuais como técnicas de filmagem, recursos tecnológicos e temáticas contemporâneas relevantes, mas os aspectos como figurino e cenários são fatores com possibilidade de mudança mais restritiva, pois já existe uma identidade visual reconhecida pelos espectadores. Alguns exemplos de remakes são os lançamentos live-action da Disney, que retratam animações clássicas com um novo olhar. Leticia Viana, 19, apaixonada por esse mundo mágico desde criança, continua aficionada: "Poder assistir

aos filmes da Disney em live-action sempre me traz uma sensação ótima, de empolgação e nostalgia".

Adaptações se referem a uma transposição de um universo narrativo para outra mídia. É possível que a produção tome decisões mais interpretativas, como na escolha de trilha sonora, cenários e personagens. É o que acontece com livros e jogos, por exemplo: pode-se escolher quais capítulos serão retratados e, no caso dos games, quais desfechos serão utilizados. Em 2023, o famoso universo dos livros Harry Potter se destacou no mundo dos games com o lançamento de Hogwarts Legacy e, no final de 2022, levou cerca de 190 mil pessoas aos cinemas do Brasil para assistir às sessões comemorativas de 20 anos do filme "Harry Potter e a Câmara Secreta". Alessandra Filippi, 16, comenta que avalia as adaptações de acordo com a fidelidade com a versão tradicional: "A única adaptação que ficou no mesmo nível da obra original foram os filmes de 'Jogos Vorazes'. Foi um dos únicos que realmente me fez gostar não só do livro, mas também do filme".



Barbie foi a produção que mais se destacou nos cinemas em 2023



(31) 3319 4920 @jornalmarco
jornalmarcodrive@gmail.com

Participe com a gente! Acesse a nossa página no Instagram, onde você confere, em primeira mão, as novas edições do Jornal MARCO, pautas para produção e muita informação.